



**UFSM**

**Monografia de Especialização**

**ATENÇÃO! MULHERES TRABALHANDO:  
UM ESTUDO DE CHARGES JORNALÍSTICAS**

---

**Dirlá Gonçalves Dias**

**PPGGeo**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2005**

**ATENÇÃO! MULHERES TRABALHANDO:  
UM ESTUDO DE CHARGES JORNALÍSTICAS**

---

por

**Dirlá Gonçalves Dias**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Geociências do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Geociências**

**PPGGeo**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2005**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Naturais e Exatas  
Departamento de Geociências**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Monografia de Especialização

**ATENÇÃO! MULHERES TRABALHANDO UM  
ESTUDO DE CHARGES JORNALÍSTICAS**

elaborada por

**Dirlá Gonçalves Dias**

como requisito parcial para obtenção do grau de

**Especialista em Geociências**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ivaine Maria Tonini – UFC  
(Presidente/Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vera Maria Favila Miorin – UFSM

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sandra Ana Bolfe – UFSM

Santa Maria, 02 de Fevereiro de 2005

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, pelo incentivo para que eu vencesse mais esta etapa de minha vida.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Ivaine Maria Tonini, pela paciência, estímulo e disponibilidade.

A Prof<sup>a</sup>. Clady, pela disponibilidade em corrigir algumas falhas.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, pelos conhecimentos transmitidos.

Aos colegas e amigos pelas experiências compartilhadas.

À Universidade Federal de Santa Maria pelo apoio, sua infraestrutura e recursos.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	vi
RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
1 ABRINDO O JORNAL.....	10
2 CAMINHOS DA PESQUISA.....	14
3 MAPEANDO AS CHARGES.....	17
4 OS ESPAÇOS PARA O FEMININO.....	27
4.1 Isso é coisa de mulher.....	28
4.2 Além do espaço doméstico.....	39
5 OS ESTEREÓTIPOS FEMININOS.....	51
6 A VEZ DAS MULHERES.....	64
7 FECHANDO O JORNAL.....	69
8 BIBLIOGRAFIA.....	71
9 JORNAIS CONSULTADOS.....	75

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mulheres estendendo roupas.....	29
FIGURA 2 – Mulher na cozinha.....	30
FIGURA 3a – Mulher lavando louça.....	31
FIGURA 3b – Mulher pobre.....	33
FIGURA 4a – Mulher lavando roupa.....	33
FIGURA 4b – Mulher seca louça e ouve filho.....	35
FIGURA 5a – Mãe lendo para o filho.....	36
FIGURA 5b – Mulher leva filho ao médico.....	37
FIGURA 5c – Mulher ouve a criança.....	38
FIGURA 5d – Mulher cuidando da criança.....	38
FIGURA 6 – Mulher servindo cafezinho.....	40
FIGURA 7 – Mulher varrendo a rua.....	42
FIGURA 8a – Mulher professora.....	43
FIGURA 8b – Professora e aluno.....	44
FIGURA 8c – Professora ridicularizada.....	45
FIGURA 9 – Mulher enfermeira.....	46
FIGURA 10a – Mulher atendente.....	47
FIGURA 10b – Mulher recepcionista.....	48
FIGURA 11 – Mulher no banco.....	49
FIGURA 12 – Família reunida.....	51
FIGURA 13 – Casal de empregados domésticos.....	53
FIGURA 14a – Mulher no camelô.....	54
FIGURA 14b – Mulheres no centro da civilização.....	55
FIGURA 15a – Mulheres na feira.....	56
FIGURA 15b – Mulher no Arroio Cadena.....	57
FIGURA 15c – Mulheres conversando.....	58

FIGURA 16 – Mulher passando roupa.....	58
FIGURA 17 – Reunião Mirim.....	59
FIGURA 18a – Mulher vidente.....	60
FIGURA 18b – Mulher mãe-de-santo.....	61
FIGURA 19 – Mulher benzedeira.....	62
FIGURA 20 – Mulher na entrega do Oscar.....	64
FIGURA 21 – Mulher modelo.....	65
FIGURA 22 – Mulher no telejornal.....	66
FIGURA 23 – Mulher repórter.....	67
FIGURA 24 – Mulher cientista.....	68

## **RESUMO**

Monografia

Especialização em Geociências

Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **Atenção! Mulheres Trabalhando: Um Estudo de Charges Jornalísticas**

AUTORA: DIRLÁ GONÇALVES DIAS

ORIENTADORA: IVAINE MARIA TONINI

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 02 de Fevereiro de 2005

Este estudo visa analisar os significados femininos produzidos nas charges, mostrando o que ensinam sobre o masculino e o feminino. Para isso analiso charges que circulam em jornais. Como referencial teórico é utilizada a perspectiva teórica fornecida pela Geografia Cultural. Os focos de análise foram constituídos com a finalidade de evidenciar a regularidade de determinados significados, sendo escolhidos os mais expressivos, que são: os espaços de circulação da mulher, onde as mulheres são vistas em atividades no ambiente privado e público; os estereótipos femininos, que indicam como certas qualidades de despreço são atribuídas as mulheres; e a vez das mulheres, que aponta como as mesmas estão sendo aceitas em espaços de maior destaque, com algumas ressalvas e barreiras. Enfim como são mostradas e sua utilização como recurso.

## **ABSTRACT**

Monograph  
Specialization in Geociencies  
Federal University of Santa Maria, RS, Brazil

**Attention! Women Working:  
A Study of Journalistic Charges**  
AUTHOR: DIRLÁ GONÇALVES DIAS  
ADVISOR: IVAINE MARIA TONINI

Dates and Place of the Defense: Santa Maria, February 02, 2005

This study seeks to analyze the feminine meanings produced in the charges, showing what teach on the masculine and the feminine. For that I analyze charges that circulate in newspapers. As theoretical referencial is used the theoretical perspective supplied by the Cultural Geography. The analysis focuses were constituted with the purpose of evidencing the regularity certain meanings, being chosen the most expressive, that are: the spaces of the woman's circulation, where the women are seen in activities in the private atmosphere and public; the feminine stereotypes, that indicate as certain lack of appreciation qualities are attributed the women; and the women's time, that appears as the same ones they are being accepted in spaces of larger prominence, with some provisos and barriers. Finally as they are shown and your use as resource.

# 1 ABRINDO O JORNAL

Os recursos são dinâmicos no desenvolvimento do conhecimento e como resposta as necessidades individuais e finalidades sociais, conforme o que escreveu Zimmermann (1957).

Assim, o ser humano é visto como um recurso, pois a sociedade lança mão desse como suporte de evolução e sustentabilidade, mas há diferenciação entre homens e mulheres.

Na atualidade, cada vez mais a mulher está se firmando como sujeito socioeconômico. Observamos esse acontecimento em vários momentos da vida cotidiana, onde a mulher marca presença em setores do mercado de trabalho que raramente antes ocupava. Ela está nas indústrias, no sistema bancário, no comércio, em cargos políticos e administrativos. Hoje, em torno de 32 milhões de mulheres no mercado de trabalho no Brasil, conforme o que foi relatado no Jornal Hoje da Rede Globo no dia 25 de abril de 2005 com dados do IBGE. Mas, apesar dessa diversidade funcional, percebe-se que ainda há uma divisão espacial entre homens e mulheres.

Tal constatação pode ser observada nos veículos de comunicação, como: televisão, jornais, filmes, noticiários, comentários jornalísticos. Há o predomínio do masculino, como protagonista. Isso mostra que a atual divisão do trabalho continua a obedecer a uma ordem da sociedade moderna, que é a sexualização do espaço, tanto público como doméstico (Cunha, 1999).

Essa divisão busca evidenciar a diferenciação, a desigualdade entre homens e mulheres através de suas distinções biológicas e, assim, ao serem considerados como diferentes, eles devem naturalmente ocupar

não somente posições e funções distintas na sociedade, como também ser valorizados dentro de uma escala de hierarquias, na qual os homens são os superiores. Já as mulheres são categorizadas como inferiores.

A diferença sexual inscrita nas práticas econômicas é sempre construída pelos discursos que as fundam e as legitimam, e não como um reflexo das relações econômicas. Assim, SCOTT *in* RAGO (1998) considera insustentável a tese de que a industrialização provocou uma separação entre o trabalho e o lar, obrigando as mulheres a escolher entre o trabalho doméstico e o assalariado. Para ela, foi o discurso masculino que estabeleceu a inferioridade física e mental das mulheres, definindo aos homens, a madeira e os metais, e às mulheres, a família e o tecido, provocando a divisão sexual da mão-de-obra no mercado de trabalho, reunindo as mulheres em certos empregos, subestimando-as sempre por baixo de uma hierarquia profissional, e estabelecendo seus salários em níveis insuficientes para sua subsistência.

Aquelas que tentam inverter essa posição são, na maioria das vezes, adjetivadas com valores ditos masculinos - corajosa, independente, batalhadora, valente - mas de maneira pejorativa.

Estudos de Geografia sobre questões relativas ao gênero, como os desenvolvidos por Colombara (1995) e Rossini (2002), preocupam-se em analisar as desigualdades entre mulheres e homens no espaço onde circulam e como a idéia de dominação-submissão está incutida no gênero. Quanto a importância da Geografia em estudar as questões referentes a essa temática Colombara em 1995, já alertava sua importância ao comentar que:

não se podem realizar trabalhos profundos e corretos sobre a geografia da agricultura, transportes, política, habitação ou urbana, sem levar em conta o papel da mulher. Em alguns estudos geográficos, **confunde-se o ponto de vista masculino com o ponto de vista global**, e o mesmo é tomado como critério normativo para explicar os comportamentos espaciais. Daí então, a necessidade de se adotar uma postura diferente, na qual

se considere a mulher como um componente importante e de interesse para o mundo geográfico. (p. 215-216) (Grigos nossos)

Tomada por esta perspectiva, tornam-se relevantes estudos que examinam a inserção da mulher no mercado de trabalho, tanto aqueles que a analisam como sujeito integrante da sociedade, como os que buscam mostrar a produção de significados a ela atribuídos na mídia, mais especificamente nas charges. É com essa perspectiva que desenvolvi este estudo.

O século XX foi rotulado como “século da escrita”. Foi durante este período, que a imprensa escrita esteve presente em todos os espaços mundiais, e em todas as classes sociais. Já o século XXI está sendo considerado o “século da imagem”. A imagem nos subjetiva durante todo o tempo. Não há como escapar dela. É pela imagem que realizamos nossas primeiras escolhas, tanto de consumo, como afetivas.

Pela importância que os espaços midiáticos estão ocupando em nossas vidas, comecei a prestar atenção à maneira como a questão de gênero estava sendo constituída e territorializada. Dentre as diversas opções de materialidade que a mídia proporciona escolhi a charge. Minha opção por ela não está somente no argumento de a mesma apresentar possibilidade de mudanças do local de estudo, mas também por ser um dos tipos de desenhos de humor, presentes diariamente em vários locais: livros didáticos, jornais, revistas, Internet e televisão, que estão produzindo significados, estão subjetivando nossas práticas sociais.

KELLNER (2001) argumenta em suas análises que a cultura das imagens oferece uma riqueza de posições de sujeitos que acabam ajudando na estrutura de uma identidade. As imagens midiáticas projetam papéis e modelos de gênero, formas apropriadas de comportamentos, estilo e moda para construir certas identidades, enquanto evitam outras. Isto significa que a identidade é uma construção que pode ser

constantemente mudada, refinada e que a identidade é uma questão de imagem, estilo e aparência.

Tal constatação pode ser percebida nos videoclipes de alguns artistas, que apagam a fronteira entre branco e preto, masculino e feminino, adulto e jovem na sua construção de imagem, como exemplo Michael Jackson e Madonna. Em cada novo videoclipe, ou em certos momentos eles assumem várias identidades com referentes opostos: ora homem, ora mulher, ora andrógono, entre tantos outros.

Nesse contexto, este estudo propõe-se a mostrar que as charges ensinam muitas coisas que se referem às mulheres, isto é, elas estão implicadas em efeitos para além daqueles que são pensados como algo somente humorístico. Por entender que as charges produzem e fazem divulgar uma maneira de ser mulher que se naturalizou e se faz presente em muitos lugares da cultura, escolhi utilizá-las como material empírico desta pesquisa, problematizando-as como texto cultural que inventa significados sobre o feminino e que dispõe posições territoriais ao determinar as relações entre o gênero.

Já que a mulher, ou seja, a mão-de-obra feminina pode ser considerada como um recurso tecnológico, aquele que serve de apoio para obter ajuda, sustento ou abastecimento. Pois o provimento da família atualmente está fortemente apoiado também na atividade desenvolvida pela mulher no mercado de trabalho. Embora geralmente o que recebe pelo seu trabalho é menor do que é oferecido ao homem, sua contribuição é parte importante para a família e para a sociedade.

## **2 CAMINHOS DA PESQUISA**

Neste estudo, analisei charges que narram o feminino e que vêm sendo publicadas em jornais de maior circulação em Santa Maria, durante o ano de 2002, 2003 e 2004. São charges que abordam conhecimentos tidos como típicos do senso comum e mostram como as relações de gênero estão sendo veiculadas pela mídia. Visto que são charges produzidas por vários autores: Elias – Chargista do Jornal diário de Santa Maria, jornal de grande circulação em Santa Maria e região com mais de 132 mil leitores habituais, Tacho – Chargista do jornal Correio do Povo, jornal de grande circulação em todo Rio Grande do Sul, Iotti – Chargista do Jornal Zero Hora, um dos jornais de maior circulação no estado do Rio Grande do Sul e Miralha – Chargista do jornal A Razão, um dos jornais de maior circulação na região de Santa Maria.

Para a realização desta pesquisa, busquei charges que indicam como está sendo mostrado o recurso tecnológico, ser humano, mais especificamente o feminino em atividade ocupacional no mercado de trabalho. Para tanto é necessário olhar também para o masculino, pois as identidades só se constituem pela existência de ambas. Selecionei 36 charges de um conjunto de 50, que mostram representatividade do conjunto, isto é, as que evidenciam a regularidade dos ditos sobre o feminino, em atividade ocupacional, de todas as charges encontradas.

Os focos de análise foram constituídos após várias leituras e tiveram a finalidade de perceber a regularidade dos significados. Escolhi aqueles que considerei mais expressivos para evidenciar os significados do que está sendo produzido sobre o feminino e a vez das mulheres em situações de destaque.

O material empírico foi examinado por meio de compreensão e de descrição de seus modos de estabelecer estratégias de constituir sentidos sobre o feminino, identificando os significados produzidos. A partir daí, desencadeei uma discussão, questionando aquilo que é produzido em torno das mulheres. Tentei desconfiar dos significados construídos, pois como diz Louro (1997), “a tarefa mais urgente seja exatamente essa, desconfiar do que é tomado como ‘natural’” (p. 63).

Esta pesquisa aproxima-se do campo da Geografia Cultural, mais especificamente, daquelas vertentes que privilegiam a discussão da produção de significados. Assim, essa perspectiva contribui para examinar as formas tradicionais de construção do conhecimento. Ela desconfia de saberes totalizantes, de verdades universais, e concebe a realidade como efeito discursivo e não como correspondência exata com as coisas do mundo. Tal concepção auxiliou a identificar e a localizar os cânones que sustentam e consagram os conhecimentos geográficos, possibilitando-me questioná-los.

Nesse contexto, minha estratégia de investigação consistiu em questionar o significado trazido pelas charges sobre a mulher no mercado de trabalho, por meio da exploração das regras de raciocínio que estão inseridas na produção desse conhecimento nas charges.

A escolha da perspectiva teórica para o exercício analítico inscreve marcas na escritura do texto. Dessa forma, ela possibilitou uma configuração e demarcação no modo de organizá-lo. Para Costa (1996), “não importa o método que utilizamos para chegar ao conhecimento; o que de fato faz diferença são as estratégias que podem ser formuladas dentro de uma ou outra maneira de conceber as relações entre saber e poder” (p.10).

Imbuída desse pensamento, elaborei um caminho investigativo que apresente como característica a inseparabilidade entre a construção do objeto, o referencial teórico e o exercício analítico. Não tive a preocupação de elaborar conceitos, mas de apresentá-los segundo

autores e autoras, como condutores dos argumentos na medida que fosse necessário para as análises.

Para desenvolver esta pesquisa tive como finalidade examinar os significados femininos veiculados nas charges, frente ao mercado de trabalho, através dos seguintes objetivos específicos:

- Verificar quais são as estratégias utilizadas pelas charges para posicionar o gênero no mercado de trabalho;
- Analisar se existe uma topografia espacial que sexualiza o mercado de trabalho e como ocorre;
- Examinar que significados são produzidos sobre as profissões ditas masculinas e femininas.

### **3 MAPEANDO AS CHARGES**

A vida é um processo contínuo de aprendizado. O ensino pode ser realizado na escola ou além de seus muros. Mas é através dele que aprendemos a ler o mundo.

A narração dos acontecimentos é algo presente na sociedade, desde tempos remotos. Para a veiculação do conhecimento, inicialmente eram utilizados desenhos, como as inscrições rupestres nas cavernas pré-históricas, a fim de representar e registrar aspectos do cotidiano ou contar histórias. Era a seqüência dos desenhos que se encarregava de fazer a narrativa. Estes são os primeiros sinais do uso do desenho para dar significado às coisas. Os atuais quadrinhos de humor são segmentos desses desenhos, pois são manifestações culturais da sociedade.

Como produto cultural e forma de comunicação, os quadrinhos de humor conquistaram a atenção da mídia e passaram a ser amplamente veiculados e reproduzidos pelo mundo inteiro. A larga disseminação dos mesmos em livros, jornais e revistas reforçam sua aceitação pelo público leitor.

Seu surgimento foi possibilitado pelo aperfeiçoamento das técnicas da impressão, levado a cabo, no Ocidente, por Guttemberg no século XV. A Imprensa favorece bastante a efervescência intelectual e cultural, característica da Europa no início da Era Moderna. Nessa sociedade, em que grande parte das pessoas não sabia ler, a comunicação era visual, as imagens desempenhavam papel importantíssimo, que as instituições de poder exploravam intensamente. O desenvolvimento da impressão de textos escritos foi acompanhado pelo aperfeiçoamento das técnicas de reprodução de imagens, adaptadas a temáticas variadas. A partir do

século XVI, as gravuras difundiram-se amplamente, como ilustrações em livros ou folhetos, tornando-se grandes difusoras de idéias e doutrinas.

Nos séculos XVII e XVIII, nas cidades européias, houve uma explosão de novas manifestações culturais e revoluções sociais. Sobretudo em Londres e Paris, importantes centros econômicos da época, a dinâmica social levou ao surgimento de uma nova cultura, identificada com as classes médias e populares. Como consequência da valorização da ascendente classe burguesa e da evolução político - cultural, difundiram-se as charges e cartuns, que geralmente estão ligados ao momento específico em que são produzidos e veiculados, abordando a crítica política e a crônica social (SRBEK, 2002).

Ao mesmo tempo em que criticavam os hábitos e a opulência da aristocracia, as charges opunham-se ao padrão estético vigente, pois, as figuras engraçadas ou grotescas, de caráter cômico e intenção política, não seguiam temas eleitos pelas elites, dando privilégio ao cotidiano urbano. Tendo como referencial a realidade dos grandes centros europeus, gravuristas como William Hogarth compuseram obras com o objetivo de mobilizar e transformar a sociedade. Assim, suas gravuras eram obras políticas que partiam da experiência do autor e das aspirações e cultura do público.

Os trabalhos de pesquisa sobre a origem dos quadrinhos, atribuíam aos europeus Rodolphe Töpffer, Wilhelm Busche e Christophe o pioneirismo de aliar a literatura ao desenho, exibindo com frequência situações cômicas.

Considera-se, sobretudo, Rodolphe Töpffer o pai dessa arte; suas obras serviram de inspiração para outros autores, que consolidaram o surgimento dessa nova forma de comunicação e linguagem artística. Tendo se difundido por praticamente todos os países onde a imprensa se desenvolveu, nas décadas que se seguiram ao lançamento das obras de Rodolphe Töpffer, a linguagem dos quadrinhos foi utilizada por desenhistas em várias partes do mundo: em 1865, o germânico Wilhelm

Busch criou os personagens Max e Moritz (chamados no Brasil Juca e Chico); ainda na década de 1863 o italiano naturalizado brasileiro Ângelo Agostini lançou o personagem Nhô-quim; 1889, o francês Georges Colomb (Christophe) publicou La Famille Fenouillard; e, em 1895, o estadunidense Richard Outcault criou Yellow Kid (SBERK, 2002).

No final do século XIX, anúncios veiculados nos jornais e o aumento da capacidade de qualidade de impressão, facilitaram a redução de preços e a diversificação do produto oferecido ao público. A imprensa estadunidense valeu-se das mais avançadas técnicas de impressão, favorecida pelo desenvolvimento econômico do país na virada do século. Assim, os jornais investiram em novas formas de conquistar os leitores, como a introdução de fotografias. Outra forma de atrair o público, eram os suplementos ilustrados, onde se destacavam os desenhos humorísticos e as histórias em quadrinhos. Em torno de 1907, os quadrinhos ingressaram nos jornais e passaram a ser diário, tornando-se presença cotidiana na vida dos leitores.

Para chegar com sucesso à atualidade, a linguagem e a indústria dos quadrinhos receberam influências internacionais. Os Estados Unidos foram os que mais contribuíram para o seu desenvolvimento. No início do século XX, o país atraía imigrantes de todas as partes do mundo, devido a sua ascendência econômica. O hábito de ler quadrinhos, levado pelos europeus, é incentivado pela imprensa estadunidense. Nesse sentido, os jornais investiram em cartuns e tirinhas, por serem de mais fácil compreensão para um público que mal falava o inglês. Nas décadas iniciais do século XX, o sucesso das páginas dominicais, tirinhas e suplementos com histórias em quadrinhos, motivou os editores e desenhistas a abordarem novas temáticas.

O século XX foi de grande importância para o desenvolvimento do desenho de humor, tanto em forma de caricatura, como de charge, cartum e tira e devem continuar a desempenhar esse papel no século XXI, que está sendo considerado como o século da mídia.

Os quadrinhos de humor alcançaram status de arte, com

surgimento de salões de humor, eventos específicos que estimulam a produção gráfica com exposições e premiações.

A charge, a caricatura, o cartum, a tira e a história em quadrinhos de humor, são manifestações do desenho, realizadas através de texto e imagens ou só imagens, sem palavras, com recursos que têm a intenção de provocar o riso. Essas formas de discurso possuem significado próprio, ao contrário das ilustrações editoriais que dependem de um texto, que lhes serviu de inspiração.

Os quadrinhos de humor no Brasil<sup>1</sup> podem ser subdivididos quanto ao estilo e quanto à forma. Quanto ao estilo, eles podem ser, segundo Rabaça e Barbosa (1987): *Charge*, refere-se ao desenho de humor, geralmente de um quadro só, construído a partir de um fato recente, por isso tem caráter jornalístico. Para ser entendida, o leitor deve ter conhecimento do acontecimento a que se refere; *Cartum*, é um desenho de um quadro só, que possui característica de atemporalidade e universalidade do tema. Trata de temas genéricos, questões existenciais humanas. Tende a ser entendido por qualquer pessoa em qualquer tempo e lugar, mesmo sem palavras; *Caricatura*, é a representação da fisionomia de uma pessoa de forma crônica, utilizando deformação e exageros. A charge também pode usar figuras caricatas para provocar o humor.

Quanto à forma, esses autores dividem os quadrinhos de humor em: *Tira*: pequena narrativa de um episódio, de uma seqüência contendo um personagem central que vive distintas situações, usa para isso várias edições dos periódicos que a veiculam e *História em quadrinhos*: narrativa mais longa que a Tira, conta uma história, com vários episódios através de uma série de quadros. Pode possuir várias páginas. Muitas vezes, o humor baseia-se somente na narrativa, no texto e nas atitudes dos personagens, não precisando de cenário.

Mas, os quadrinhos no Brasil, nunca foram levados a sério.

---

<sup>1</sup> A categorização dos quadrinhos de humor, bem como suas definições, varia de país para país. Neste estudo, adotei o entendimento sobre eles que são senso comum no Brasil.

Somente no final de 1966 apresentou-se um crítico especializado: Sérgio Augusto, que quadrinizou obras de Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e outros de forma crítica e criativa. Mas foi ainda lá em 1963 que foi assinado um Decreto, o de nº 52.497 – regularizador, visando a nacionalização progressiva dos quadrinhos no Brasil, dando oportunidade publicação aos quadrinhos brasileiros, segundo Moya (1977).

Já Fonseca (1999), relata que o Barão de Santo Ângelo, Manujel de Araújo Porto Alegre, que é considerado o primeiro caricaturista brasileiro, por um desenho de 1837 atribuído a ele, uma charge.

A primeira publicação humorística especializada no país foi a Semana ilustrada, em 1860. Mais tarde, em 1911, Vasco Lima fez a publicação do Abum de Caricaturas, que se tornou O Gato, revista que fez sucesso pelas suas charges.

A Revolução de 1930 e o Estado Novo, decretado em 1937, trouxeram censura do governo à imprensa, prejudicando o desenvolvimento do caricaturismo no Brasil. Mas em 1940, com o retorno à democracia, surgiram nova geração de caricaturistas como: Théo (Djalma Peres Ferreira), Alceu Penna, Carlos Estevão, Millôr Fenandes. Em torno de 1950 surgiram Ziraldo (Ziraldo Alves Pinto), Borjão (Mauro Borja Lemos), Juarez Machado e Zélio Alves Pinto.

Os eventos políticos e as transformações sociais dos anos 1960 a 1970 contribuíram para surgir em 1969, a revista em formato de jornal, O Pasquim, onde publicaram seus trabalhos, os cartunistas: Jaguar (Sérgio Jaguaribe), Fortuna (Reginaldo José Fortuna), Claudius (Claudio Seccon), também Ziraldo, Zélio e Millôr.

O caricaturismo está presente em quase todos os jornais e revistas importantes do Brasil, sendo uma de suas formas de opinião mais importantes. E figura como um dos mais expressivos do mundo, sendo comprovado pelo reconhecimento de seus profissionais e pelos inúmeros prêmios que os artistas nacionais tem alcançado.

Com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil e a abertura

dos portos em 1808, se estabeleceram as primeiras oficinas gráficas, desenvolvendo a impressão de livros e periódicos, que tiveram importantes papéis em revoluções da época. Mas os jornais não publicavam caricaturas. Estas circulavam apenas como estampas avulsas. Então, as inovações técnicas chegadas ao Brasil, em meados do séc. XIX, permitiram o início da gravura na imprensa brasileira.

Alguns caricaturistas começaram a se destacar no Brasil a partir dessa época. Como: Manuel de Araújo Porto Alegre, Rafael Mendes de Carvalho, Briggs (Frederico Guilherme Briggs), Angelo Agostini – captou em perfeição e espírito a brasilidade tropical de nosso país; Pedro Américo, Rafael Bordado Pinheiro, Joseph Mill, Julião Felise Machado.

Em 1860, foi lançado por Henrique Fleuies a revista *Semana Ilustrada*, mas já circulavam pequenos jornais de caricaturas. E haviam também estabelecimentos que faziam estampas avulsas.

Em 1876, surgiu a *Revista Ilustrada*, de Angelo Agostini, onde publicou as primeiras histórias em quadrinhos no Brasil.

Nas primeiras décadas do séc. XX destacou-se o caricaturista: Belmiro Barbosa de Almeida Júnior. Posteriormente foi a vez de: Crispim do Amaral, Celso Hermínio – foi o primeiro a aparecer nos diários cariocas; Whidopff, Raul Paranhos Pederneiras, Amaro do Amaral – em 1903 fundou um pequeno semanário humorístico, Calixto Cordeiro, José Arthur Bevilaqua, Alfredo Storni – fundou várias revistas de humor no RS, seu estado natal: *O Bisturi* em Rio Grande em 1899 e *O Gafanhoto* em Santa Maria poucos meses depois; Max Cesariono Yantok, Vasco Machado de Azeredo Lima, Lemmo Lemmi – pseudônimo Voltolino – publicou numerosas charges na imprensa carioca; José Carlos de Brito e Cunha – em seus desenhos glorificou a mulher e gerou tipos como a figura da jovem fascinante dos anos 1930, graciosa e de recatada sensualidade; Nair de Tefé – Rian, a primeira caricaturista brasileira do sexo feminino; Francisco Guimarães Romano; Luis Carlos Peixoto de Castro; Alvaro Marins – Seth; Ernesto Francisconi; Anísio Oscar da Mota; Osvaldo Navarro; Márcio Néri – a partir de 1930 ilustrou inúmeras revistas

e jornais no Rio Grande do Sul, tais como: Jornal da Manhã, Correio do Povo, Folha da Tarde, Diário de Notícias e Estado do Rio Grande; Antonio Belisário Vieira da Cunha; Benedito Bastos Barreto – Belmonte; Emiliano Augusto cavalcanti de Albuquerque Mello a partir de 1932 contribuiu de forma intensa com charges políticas e com tipos exuberantes e sensuais, centrada na figura feminina; Trinas Fox – a partir de 1930 colaborou com charges anti-nazistas; Nicolau Tolentino Ruben de Lemos Garcia Gill; Enrique Figueroa; Andrés Guevara; Euclides Luis dos Santos; Antônio Gabriel Nássara.

Em tempos mais modernos, no Brasil posterior a 1930 a imprensa teve um grande desenvolvimento. Nos anos que se seguiram a Revolução de 1930, surgiram várias revistas como: O Mé – 1912; A Lanterna – 1926; o Papagaio – 1928; posteriormente surgiram diversos jornais como: A Manhã; A Reação, Diário da Noite, A Pátria, Diário Carioca; O Globo; Correio do Povo e o Diário de Notícias, ambos em Porto Alegre entre outros. Foi uma época que marcou o desenvolvimento da caricatura, da charge e do cartum.

Com a implantação do Estado Novo, em 1937, o governo de Getúlio Vargas institucionalizou a censura da imprensa, ocasionando a decadência da caricatura. A partir de 1942, iniciou-se uma nova manifestação de chargistas, caricaturistas e cartunistas. Entre eles: Théo – Djalma Pires Ferreira; Alvares – Álvaro Cotrim; Mendez – Mário de Oliveira Mendes; Luis Sá; Hilde Weber; Augusto Rodrigues; Appe – Amilde Pedrosa; Carlos Estevão de Souza; Alceu Penna – contribuíram com figuras femininas, com graça, malícia e humor, modelos que as jovens brasileiras procuravam imitar; Péricles Albuquerque Maranhão; Millôr Fernandes – a partir de 1937; Lan – Lanfranco Vaselli.

A partir da metade do séc. XX, algumas revistas e jornais começaram então desaparecer, mas alguns ainda continuam. Nestes alguns artistas se destacam como: Borjalo – Mauro Borja Lemos; Fortuna – Reginaldo José Fortuna; Vilmar Silva Rodrigues; Jaguar – Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe; Ziraldo – Ziraldo Alves Pinto – em sua obra

é especial o interesse com que tem se voltado para enfoques pedagógicos e educativos, sendo ativista nos questionamentos dos problemas culturais e sociais brasileiros; Luis Fernando Veríssimo; Claudius – Silvius Petrus Claudius Ceccon; Zélio Alves Pinto; Juarez Machado; Cássio Loredano da Silva Filho; Caulos – Luiz Carlos Coutinho; Henfil – Henrique de Souza Filho; Trimano – Luis Trimano; Edgar Vasques; Miran – Osvaldo Miranda; Paulo Caruso; Chico Caruso; Miguel Paiva; Santiago – Neltair Rebés Abreu; Ronaldo Cunha Dias; Laerte Coutinho; Luis Gé – Luis Geraldo Ferrari Martins; Angeli – Arnaldo Angeli Filho.

A caricatura teve desenvolvimento próprio fora do eixo Rio-São Paulo, como, Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e também em pontos do interior do país.

Assim, no RS esta arte tem se desenvolvido como uma das formas mais expressivas na comunicação visual, numa atividade intensa que se estende para o cenário nacional e internacional. Gaúchos que se destacam no cenário nacional: Edgar Vasques, Luis Fernando Veríssimo e Santiago.

Segundo, Athos Damascenos *in* Fonseca (1999), o primeiro jornal humorístico publicado no Rio Grande do Sul foi A Sentinela do Sul, em Porto Alegre, em julho de 1867. Seguido por O Guarani – 1874, A Lanterna – 1877, O Fígaro – 1878, A Lente – 1833 e outros. No interior do estado duas cidades, pólos importantes da economia rio-grandense nessa época, tiveram papel importante, Rio Grande que teve O Amolador – 1874; depois veio O Diabrete – 1875; em Pelotas teve Ventarola 1887, seguido por Cabrion – 1879.

Mais reventemente, pelo menos três acontecimentos importantes marcaram a atividade do Cartum no RS: a CETPA, o Pato Macho e o Salão Internacional de Imprensa de Porto Alegre.

O primeiro acontecimento ocorreu especificamente na área da produção de histórias em quadrinhos, em 1961, quando foi fundada a CETPA – Cooperativa Editora de Trabalhos de Porto Alegre. Foi um

movimento que reuniu desenhistas e argumentistas e foi apoiada pelo governo estadual da época. Funcinando como editora e distribuidora a CETPA publicou várias revistas em quadrinhos.

Segundo acontecimento foi Pato Macho, jornal publicado em Porto Alegre por jornalistas, cartunistas, escritores, sob a liderança de Luis Fernando Veríssimo, a partir de 1971.

O terceiro acontecimento foi a instituição do Salão Internacional de Desenho para Imprensa, de Porto Alegre, em 1992, o salão ocorre anualmente.

Mas não se limitando somente a capital Porto Alegre Santa Maria reúne o Grupo de Risco, um núcleo de cartunistas que mantém a publicação Garganta do Diabo, dirigida pelos humoristas Byrata, Elias, Máucio e Orlando Fonseca. Santa Maria promoveu o Salão de Humor do Mercosul, de nome Santa Maria Cheia de Graça.

Entre os cartunistas que tem se destacado no RS, nos últimos anos, relacionamos alguns: Rebello – Eraldo Rebello; Zeko – José Borges Correia; Xico – Francisco Stockinger; Sampaio; Canini – Renato Venícius Canini; Uberti – Fernando Jorge Uberti; Marco Aurélio – Marco Aurélio Campos de Carvalho; Pekern – Renato Kern; Schröder – Celso Augusto Schröder; Bebel – Isabel Braga Callage; Juska – Francisco Juska Filho; Jaca – Paulo Carvalho Júnior; Bier – Augusto Franke Bier; Tacho – Gilmar Luiz Tatschi; Cado – Ricardo Garcia Botega; Moa – Moacir Knorr Gutierrez; Lancast – Lancast Mota dos Santos; Guazzelli – Eloar Guazzelli Filho; Iotti – Carlos Henrique Iotti; Adão Iturrusgarai e Rodrigo Rosa!

A imprensa brasileira contemporânea tem passado por mudanças. O crescimento da televisão como veículo de comunicação levou a mídia impressa a desenvolver alternativas para manter seu público.

Os desenhos dos quadrinhos de humor tendem a ser simplificados, não muito detalhados, importando bastante a expressão do desenho. O humor surge do estado de espírito, misturando informações e liberdade do pensamento, construindo uma crítica de forma engraçada, analisando

as situações de modo criativo.

## 4 OS ESPAÇOS PARA O FEMININO

Este capítulo mostra como e com que significado o feminino é construído para circular no espaço doméstico e no público.

A mulher, hoje presente em vários segmentos da sociedade, que eram de circulação exclusiva do homem, como empresas, cargos políticos, administrativos e públicos, bancos financeiros, universidades e esportes, está se firmando como profissional de forma cada vez mais intensa e qualificada.

Mas apesar disso ainda é vista e representada nas charges como se sua atuação ocorresse somente no espaço doméstico. Se esta atuação for efetiva no espaço público, como em lojas, escritórios, escolas, hospitais, demonstrando sua capacidade igual a do homem, isso aparece de forma direcionada a atividades que se relacionam com as desempenhadas no espaço doméstico e a valorização não se equipara à masculina.

A diferença biológica entre homem e mulher acaba sendo argumento para discriminação entre o feminino e o masculino.

A identidade de gênero é construída ao longo da vida inteira. “O gênero é a construção cultural do sexo biológico” (Colombara, 1995). A diferença de gênero é estabelecida na arena cultural. Ela ocorre no confronto de seus pares.

A diferença biológica tem sido utilizada pela sociedade como justificativa para estabelecer a naturalização da diferença entre o gênero, resultando na desigualdade socioeconômica e na estratégia de dominação (do masculino) e submissão (feminino).

Nesse sentido, discriminações que tem envolvido o gênero continua, mesmo que de maneira disfarçada. Ou seja, as mulheres tem conquistado novos espaços no mercado de trabalho. Mas ainda não conseguem remuneração igualitária do mesmo posto ocupacional e nem atuação nos postos de comando.

A mídia tem veiculado informações que permitem evidenciar esta continuidade, já denunciada por Perrot em 1998. A autora comenta a permanência de um santuário medieval masculino. Nele existe lugar privilegiado para o mundo masculino. A força feminina no Brasil está em ascensão, ela está crescendo na chefia dos domicílios, no nível de qualificação e no rendimento nominal médio. No entanto, quando observamos os índices de concentração na área de atuação percebemos a discriminação no mercado de trabalho.

#### **4.1. Isso é coisa de mulher**

Como já comentamos anteriormente, a mulher hoje se faz atuante em vários setores do mercado de trabalho, dividindo espaços com o homem.

Trataremos nesta seção, do espaço doméstico que é ocupado predominantemente pelo feminino, e como é mostrado o papel desempenhado pela mulher neste lugar.

Podemos observar na figura 1 que o significado da atuação esta articulado a idéias conservacionistas.

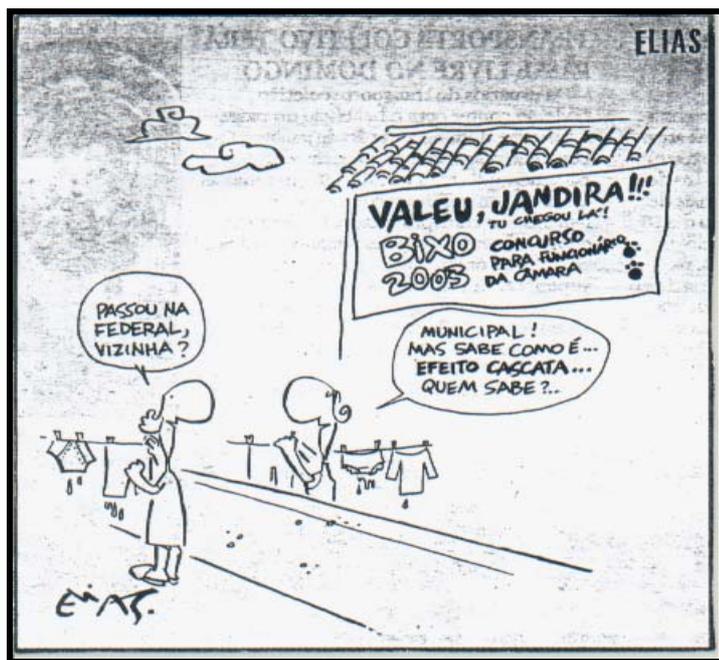


Figura 1: Mulheres estendendo roupas  
Fonte: Diário de Santa Maria – 25 e 26/01/2003

Pois podemos observar que, duas mulheres vizinhas conversam e ao mesmo tempo realizam atividade doméstica, no caso, estendem roupa no varal. O que nos permite remeter ao discurso conservacionista de que, cuidados com a limpeza e a organização estão ao encargo do mundo feminino. Atividades estas, que exigem dedicação e não raciocínio lógico, o que é confirmado pela conversa entre elas.

A charge evidencia que embora a mulher passe a ter atuação no espaço público, através do ingresso, a concurso público, no mercado de trabalho ela continua ainda presa ao espaço doméstico. Embora a frase veiculada na faixa diga “Valeu, Jandira!!! Tu chegou lá!!!”

Esse “lá” significa não sua saída de um espaço para o outro, mas atuação em ambos: doméstico e público.

Também a charge aponta que o ingresso da Jandira ocorre pelo setor público municipal de hierarquia inferior em relação aos outros. É um significado que evidencia a discriminação da capacidade feminina, cujo

ingresso no espaço público não pode ocorrer em escalas superiores, ele deve ser iniciado pela base.

Outro significado trazido sobre o feminino no espaço doméstico é apresentada na figura 2.



Figura 2: Mulher na cozinha

Fonte: Correio do Povo – 07/07/2002

Podemos observar que, o cuidado da tarefa de cozinhar, cabe exclusivamente à mulher, que representada com postura curvada, frente ao fogão, fazendo menção de acender o fogo para cozinhar, apresenta fisionomia de frustração, tristeza e cansaço, expressa pelos seus olhos entreabertos e por sinais na fronte, desgosto demonstrado também por suas palavras de deboche e mau humor, atribuindo de modo hostil, a comparação do homem a um botijão de gás.

O lenço na cabeça da mulher e o uso do avental articulam seu vestuário com os utilizados pelos trabalhadores domésticos. Assim, ela é uma serviçal.

Essa imagem está carregada de sentidos, ao apresentar hábitos e modos de vestir que permitem constituir a identidade feminina, sendo ele

um espaço educativo, e nós ao consumi-la, estabelecemos referências de modelos sociais, econômicos e culturais hegemônicos (SABATH, 1999).

O homem nesta charge aparece na posição ativa, com a cabeça levantada e olhos bem abertos, com fisionomia de satisfação, com postura ereta e com o jornal aberto em suas mãos, aparenta certo grau de intelecto. O cigarro no canto da boca está associado ao significado de masculinidade, usando a idéia produzida pela mídia de que homem que fuma tem poder, virilidade e superioridade, o que é evidenciado nesta figura pelo comentário: “Imagina, veia, eu chegando na vila em cima de um caminhão com som...”.

Assim, se observa um exemplo de como homem e mulher, são apresentados e vistos de formas diferentes em um mesmo espaço.

Outra forma de atuação do feminino no espaço doméstico é apresentada nas figura 3a e 3b, reforçando a idéia que as tarefas de limpeza no espaço doméstico é de sua responsabilidade.



Figura 3a: Mulher lavando louça

Fonte: Diário de Santa Maria – 17/04/2003

Pois novamente a mulher aparece desempenhando tarefa doméstica, no caso, lavando a louça, enquanto o homem é apresentado bem acomodado lendo jornal, mostrando-se ser o mais intelecto e nem preocupado com os afazeres domésticos.

A mulher, embora esteja mais ativa e sem os trajes de serviçal do lar, ao contrário da que aparece na figura anterior, ainda está ligada as tarefas de cuidados com o lar e o homem é apresentado de forma totalmente descompromissada. Permitindo vazão a idéia que o espaço doméstico “é coisa de mulher”.

Pois para a mulher cabe apenas comentário sobre a notícia lida e repassada pelo homem, o que demonstra que a informação chega primeiro a ele, passando apenas em um segundo momento para ela.

Na figura 3b a idéia da responsabilidade da mulher com as tarefas domésticas se repete.

Embora apresentada em nível sócio-econômico inferior ao da mulher da figura anterior, esta aparece lavando a louça, como sugere o esgoto saindo pelo cano no canto externo da casa.

Já o homem aparece lendo o jornal, mostrando-se novamente o mais intelecto do casal.

A mulher com aparência cansada, demonstrada pelas olheiras, recebe a notícia lida pelo homem e comenta de forma a desiludir o entusiasmo masculino.

Nesta figura o homem também é apresentado acomodado lendo o jornal sem compromisso com os afazeres domésticos.



Figura 3b: Mulher pobre  
 Fonte: Zero Hora – 21/08/2004

Outro papel do feminino, o de mãe, é apresentado nas figuras 4a e 4b em que a mulher desempenha ao mesmo tempo a função de mãe e de dona-de-casa, preocupada em realizar os afazeres domésticos.



Figura 4a: Mulher lavando roupa  
 Fonte: Diário de Santa Maria – 23/07/2002

A menina ao retornar da escola, conversa com a mãe sobre o que a professora falou, reforçando a idéia de que a instrução educacional também está a cargo da mulher.

Ao dialogar com a filha, a mãe desempenha os cuidados com o bem-estar da família, sem deixar de lado a função de mãe, pois simultaneamente dá atenção à filha e às atividades domésticas, o que demonstra que a mulher exerce essas funções concomitantemente.

As vestes da mãe, com o uso do avental reforçam a idéia de articulação com os afazeres domésticos. O cabelo desajeitado, o uso de óculos, a verruga e pêlos no rosto, apontam um significado de que nos afazeres domésticos, a mulher descuida da sua aparência, veiculando o sentido de que a vaidade, ou a estética, não combina com atividades domésticas.

Já a filha é mostrada com visual mais modernizado, com mais vaidade, de brinco, bem penteada, “arrumadinha” como menina tem de estar sempre. Assim, parece que existe diferenciação no modo de vestir, conforme a atividade ocupacional, direcionando à ridicularização as vestes de quem se encarrega das atividades domésticas.

Nessa figura 4b também a mulher é apresentada desempenhando ao mesmo tempo o papel de dona-de-casa e mãe. Mesmo não pronunciando-se com o olhar voltado para a criança presta atenção no que o filho diz e seca a louça. Mostrando a atenção à criança e prestatividade aos afazeres domésticos.

A mulher é apresentada também com avental e lenço na cabeça, demonstrando a ligação direta com as atividades de limpeza e cuidados domésticos.



Figura 4b: Mulher seca louça e ouve filho.

Fonte: A Razão – 08/09/2004

Outra função do feminino, o cuidado com os filhos está presente em vários momentos do cotidiano feminino, como podemos verificar nas figuras 5a, 5b, 5c e 5d.



Figura 5a: Mãe lendo para o filho.

Fonte: Diário de Santa Maria – 10/07/2002

Na figura 5a a mulher sentada no sofá, bem penteada, de brincos, com pernas cruzadas e meias floridas, indicando a delicadeza feminina. Ali ela lê histórias para a criança, desempenhando sua função de cuidados educacionais com o pequeno. O que vem reforçar que os cuidados filiais, inclusive educacionais estão ao encargo da mãe.



Figura 5b: Mãe leva o filho ao médico.

Fonte: A Razão – 03/05/2004

Na figura 5b, a mulher é apresentada levando a criança doente ao médico, demonstrado pela aparência cansada da criança e pelo símbolo de dor no corpo. Já a mulher demonstra estar preocupada com o estado de saúde do menino, fazendo relatos para o médico do estado do paciente. Esta figura reforça a ideia que os cuidados filiais relacionados sejam a educação, saúde, ou afetivo estão ao encargo do feminino.



Figura 5c: Mulher ouve a criança.

Fonte: Correio do Povo – 18/09/2002

Essa atribuição é reforçada na figura 5c, onde a senhora, a vovó está passeando com a criança que faz indagações sobre o que a avó havia dito. Quer dizer que os cuidados de instrução e educação são atribuições do feminino.



Figura 5d: Mulher cuidando da criança

Fonte: Zero Hora – 30/04/2004

Na figura 5d, a mulher está representada com um bebê no colo em sua função principal de mãe, a responsável pela perpetuação da raça humana e esposa. Ela aparece com vestes simples, de chinelos e com lenço na cabeça assiando-a as tarefas caseiras, já que aparece ao fundo um fogão e janelas. O homem aparece falando à mulher os planos que ele fez para a família, já que ela não mostra nenhuma manifestação verbal.

Na formação da família moderna, no séc. XVIII estabeleceu-se que as mulheres seriam destinadas ao cuidado dos filhos e filhas. Nessa nova constituição familiar

“homens e mulheres estão implicados desigualmente nas funções familiares: o homem era o provedor econômico, cujas atividades passavam a ser realizadas no espaço público, enquanto a mulher era a provedora moral e espiritual da família, cujas atividades eram desenvolvidas no espaço privado do lar. Essa diferenciação de função entre o homem e a mulher produz uma verdade que autoriza a captura à mulher para a função exclusiva do cuidado com os/as filhos” (TONINI, 2002, p. 64).

Assim, observa-se nas charges, mulheres com seus filhos e filhas no espaço doméstico ou público realizando atividades ditas familiares, capturadas como normais, naturais.

São charges como essa que circulam em nosso meio, veiculando a valorização desse tipo de comportamento, como característica somente do feminino, produzindo em nossa sociedade padrões aceitos como extremamente normais.

## **4.2. Além do espaço doméstico**

Aqui, mostraremos como o feminino transita pelo espaço externo ao lar, no espaço público.

No período anterior à Revolução Industrial, as mulheres já trabalhavam regularmente fora de casa. O pioneirismo profissional feminino surgiu com as lavadeiras, as amas, as rendeiras, as artesãs (Scott, 1991).

O que mostra que há tempos o feminino iniciou sua conquista no espaço público, mas isso em tarefas que condizem com as funções ditas femininas, como lavar roupa, cuidar de criança e fazer artefatos manuais, o que exige dedicação e paciência, cuidado, afeto, sensibilidade, qualidades atribuídas às mulheres. Assim, as profissões de professora, enfermeira, dona de casa, eram reservadas ao feminino, já as atividades que necessitam destreza, força ou habilidade intelectual, cabem aos homens.

Então, o princípio de a mulher desempenhar sua função de casar e ser mãe, ter o cuidado com a família e com os afazeres da casa é algo enraizado na construção tradicional do feminino. Assim, podemos observar na figura 6, que a mulher mesmo fora do lar, continua a desempenhar tarefas relacionadas àquelas desempenhadas em casa.



Figura 6: Mulher servindo cafezinho

Fonte: Correio do Povo – 31/08/2002

A mulher aparece servindo cafezinho aos executivos que discutem acirradamente ao redor de uma mesa com documentos. A mesa é composta somente por homens, associando mais uma vez a intelectualidade e capacidade de raciocínio e capacidade de decisão empresarial e decisões políticas, já que o título RIO+10, sugere discussão político-ambiental aos homens, que se pronunciam convictamente, em altos brados, como sugere a aparência de suas faces, com a boca bem aberta.

Já a mulher, aparece não entendendo nada do que eles falam, e isto é comprovado pelo comentário que faz: - Tremenda poluição sonora. Sua expressão é de submissão, onde nem o formato de sua boca aparece, sugerindo que ela apenas balbuciou alguma coisa, sem se fazer ouvir. Além disso, a mulher está numa função mais desprestigiada que a dos homens, aparece como serviçal, caracterizada pelas vestes simples, lenço na cabeça e corpo desengonçado. Do ponto de vista estético; está corcunda, associando mais uma vez as atividades domésticas ao ridículo. Será que todas as pessoas que desempenham esse tipo de atividade são sempre ridículas, estão sempre mal cuidadas e sem ânimo?

Pode-se observar que mesmo exercendo as profissões externas ao espaço doméstico, ainda é a aprendizagem das atividades exercidas nesse lugar, que norteiam os tipos de profissões a serem majoritariamente exercidas pelas mulheres no espaço público.

Essas são profissões que não exigem muito raciocínio, nem grandes conhecimentos, então por isso, há uma baixa valorização em questão de remuneração e prestígio, por exigir pouca ou até mesmo nenhuma qualificação.

A divisão sexual do trabalho favorece e afirma a superioridade masculina: “é o sexo daqueles que realizam as tarefas, mais que as tarefas em si, o que determina o valor que a sociedade lhes confere. Daí resulta que os trabalhos executados por homens sejam prestigiosos e mais bem pagos” (Lobo apud SANTOS et al, 1995, p. 219).

Assim a segregação sexual no trabalho acarreta a desvalorização salarial das profissões predominantemente femininas (Lagrange apud Tonini, 2002, p. 63) “a feminização de um emprego é fatal para o salário, ao passo que a masculinização lhe oferece mais-valia”.

Outra forma de atuação do feminino no espaço público está na figura 7, onde observa-se a mulher exercendo atividade de limpeza neste lugar: Ela está representada com fisionomia de descontente e cansada; apresenta-se um tanto curvada com dores nas costas, infere-se que ela é funcionária de órgão responsável pela limpeza da cidade. Sua função, varrer, limpar a sujeira deixada pelo “bixo”, calouro aprovado em um dos vestibulares da cidade. Aí, mais uma vez observa-se a diferenciação entre o masculino e o feminino, o jovem suja o espaço e a mulher é responsável pela sua limpeza e higienização. O masculino chega a Universidade e ao feminino cabe posição social de status inferior.



Figura 7: Mulher varrendo a rua

Fonte: A Razão – 23/05/2002

Esse tipo de atividade que está sendo desempenhada pela mulher é pouco valorizada na economia capitalista, pois além de tratar de coisas insalubres, são realizados de maneira manual e braçal, não necessitando de grande esforço, de raciocínio e nem conhecimento específico para sua realização. Além de que toda a atividade manual é considerada como inferior, de menor valor em relação à desenvolvida pela máquina.

Nesse contexto, essas atividades manuais são vistas como de responsabilidade da mulher, não só por se articular com as desenvolvidas por elas, mas também por estarem posicionadas em escala de inferioridade em comparação com as demais profissões. Assim, sendo as mulheres vistas como inferiores aos homens, torna-se natural elas desenvolverem esse tipo de atividade. Afinal, não existem garis do sexo masculino? Então porque representá-lo como uma mulher?

Reforçando-se a idéia da continuidade do direcionamento profissional da mulher com o espaço doméstico, como a restrição de suas atuações profissionais no mercado de trabalho, ou seja, no espaço público, pode-se observar a representação da mulher nas figuras 8a, 8b e 8c.

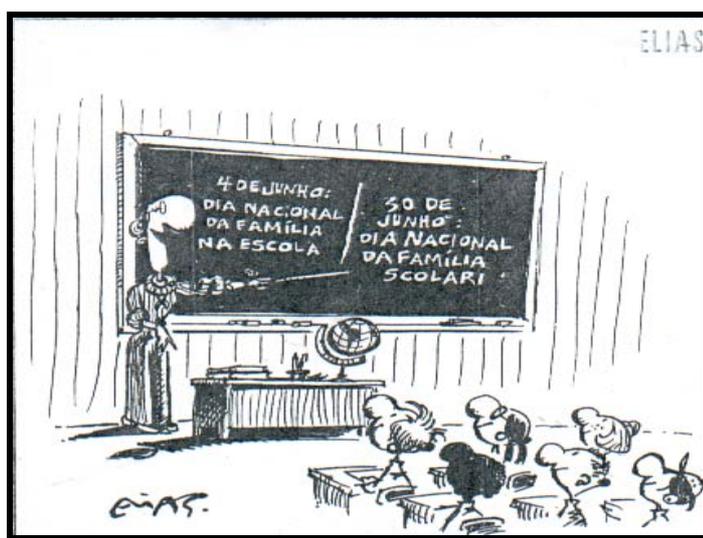


Figura 8a: Mulher Professora

Fonte: Diário de Santa Maria – 06 e 07/07/2002

A mulher é apresentada na atividade do magistério, mostrando aos alunos temas relacionados à família, o que mostra que mesmo em ambiente externo ao lar, no exercício de sua profissão, a relação com a família está presente. Observa-se também o zelo pela família, o cuidado com os filhos e filhas de outras pessoas.

A mulher professora representada, tem estilo de vestir discreto e sombrio, com roupas longas e fechadas, com óculos, aparentando pessoa de bom nível intelectual, mas que não deixa de estar ligada a idéia de professores de tempos passados, quando era bastante difundido o uso da vareta para apontar no quadro verde.

Na figura 8b, a mulher professora apresenta as vestimentas com as mesmas características da mulher da figura anterior. Mas o uso da vareta não se faz presente, parece então que já há uma modernização, embora o estilo de vestir seja “conservador”, de saia a altura dos joelhos, blusa e jaleco para evitar o pó do giz do quadro.

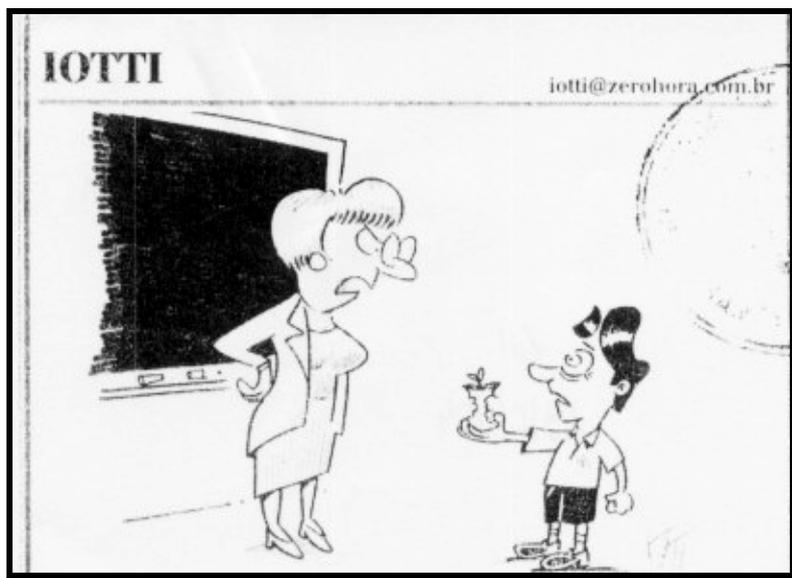


Figura 8b: Professora e aluno  
Fonte: Zero Hora – 19/04/2004



Figura 8c: Professora ridicularizada

Fonte: Zero Hora – 24-04-2004

Na figura 8c, a professora é ridicularizada. Despenteada, descalça, com remendos na roupa, com curativo no nariz, revoltada com a situação, assim ela dirige-se ao trabalho com deduz-se pela fala da mesma.

Assim, esses sinais estão autorizando a construção de referências como ocorre a circulação do feminino no espaço público.

Além de que, o uso da vara também pode ser articulado ao autoritarismo, já que antigamente ela era usada para aplicar castigos aos alunos, atitude semelhante a de uma mãe ao educar o filho (LOURO, 1997). Mesmo a vara tendo sido abolida das aulas há algumas décadas, tem sua representação como referência ao conservadorismo das idéias em relação ao feminino.

A continuidade do local de atuação ocupacional da mulher são trazidas nas imagens de mulheres desempenhando atividades domésticas ou relacionadas às funções sociais da mulher, de casar, ter

filhos, cuidar do marido e do lar com zelo são freqüentes. A figura 9 evidencia tal observação.



Figura 9: Mulher Enfermeira

Fonte: Diário de Santa Maria – 17/01/2003

A charge permite observar que mesmo fora do espaço doméstico, a mulher no desempenho de uma profissão, está direcionada aos cuidados, a dedicação, a sensibilidade. A enfermagem é uma das profissões que exige esses atributos e nada mais natural que ela seja delegada às mulheres.

Embora as mulheres busquem cada vez mais espaço em atividades externas ao lar, elas estejam mais preparadas e ambiciosas ainda não conseguem receber o mesmo salário dos homens, ainda que, em alguns casos cheguem a trabalhar o dobro ou apresentem índices de produtividade acima do obtido pelo profissional masculino. Assim acabam sendo segregadas à atividades que não são tão valorizadas financeira e socialmente, como as atuadas pelos homens. O saber ocidental atua valendo-se de categorias reflexivas incapazes de pensar a diferença. (RAGO, 1998). Pode-se observar isso nas figuras 10a e 10b.



Figura 10a: Mulher atendente

Fonte: Diário de Santa Maria – 02/05/2003

Na figura 10a a mulher aparece desempenhando atividade de vendedora: a de ingressos e a de doces e salgados. A figura feminina é apresentada em atividades onde é preciso ter delicadeza para atender ao público e na venda de ingressos e doces não são necessários habilidades de raciocínio complexo. Por isso, são vistas como atividades tipicamente femininas.



Figura 10b: Mulher recepcionista

Fonte: A Razão – 30/12/2004

Na figura 10b, a mulher aparece como recepcionista, uma profissão que não exige grande habilidade de raciocínio lógico, mas exige delicadeza para atender o público. E ao mesmo tempo aparece atribuída característica de futilidade, pois ela lixa as unhas e conversa sem olhar para o senhor que lhe apresenta os documentos, mostrando que dá mais importância para suas unhas do que para a função que está exercendo.

A atuação do feminino no espaço doméstico aparece em imagens de famílias em que as tarefas domésticas ou algo relacionado a elas estão sempre representadas como sendo feitas pela mulher, como pode-se observar na figura 11.



Figura 11: Mulher no banco

Fonte: Diário de Santa Maria – 26/08/2002

Essa imagem traz a mulher no espaço público, não exercendo atividade profissional alguma. Infere-se que a família esteja passeando, em lazer. O masculino representado pelo pai e o filho estão afastados do feminino, a mãe, eles estão na rua, em espaço público. O pai com expressão relaxada parece despreocupado, com uma mão no bolso e a outra segurando um cigarro.

A mulher está dentro de uma cabine de um caixa eletrônico para tirar extrato, conforme a explicação do pai ao menino. No entanto, ao invés de aparecer na tela o extrato bancário, sai uma lista de atividades domésticas.

Essa imagem produz significados sobre a mulher, que mesmo transitando fora do espaço doméstico, parece estar sempre ligada às atividades domésticas, ela não rompe fronteiras. A preocupação em adquirir materiais que faltam para melhorar o desenvolvimento das tarefas de casa está sempre presente, e mostra que a mulher, mesmo lidando com tecnologia de ponta, está sempre voltada para as atividades domésticas.

Enquanto que pelo homem é facilmente rompida essa fronteira, mesmo estando na condição de cuidado filial, ela não é exercida sob forma de aproximação, como afagar ou pegar na mão, mas só uma explicação e pronto. Essa função, geralmente, não é representada sendo exercida pelo homem no espaço doméstico e quando o faz no espaço público, tem relação com descontração, lazer.

Já para a mulher, o espaço doméstico e público convivem concomitantemente.

## 5 OS ESTEREÓTIPOS FEMININOS

Neste capítulo, analiso a forma como a mulher é construída com sentido estereotipadas nas charges, ou seja, examino os significados ditos como femininos, com sentido pejorativo.

Para Albuquerque (1999, p. 20), “o estereótipo é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras”. Percebo a existência disso nas charges ao encontrar uma generalização de significados que são atribuídos como típicos de mulheres e sem levar em consideração o contexto econômico, social e cultural.

No gênero, a estereotipização é muito freqüente em relação ao feminino, é acentuada em relação ao raciocínio e a linguagem da mulher, atribuindo-lhe a incapacidade de expressar-se corretamente. Isso é mostrado freqüentemente em situações onde a mulher interage com o homem dialogando, como se observa na figura 12.



Figura 12: Família reunida

Fonte: Diário de Santa Maria – 25/07/2002

Onde a família aparece reunida ao redor da mesa, deduz-se que seja a hora do café matinal, pois é geralmente quando lê-se o jornal. Os membros de uma suposta família ideal, o pai, a mãe, o menino e a menina.

Observa-se que o pai é mostrado de óculos lendo um jornal, inferindo-se a idéia de homem culto e bem informado, lendo as notícias para a família, de forma ortograficamente correta. Os filhos prestam atenção no que o pai e a mãe conversam; o filho está com o olhar voltado para o pai, a menina com o olhar voltado para a mãe, com atenção para ela. Esse posicionamento de olhares evidencia a divisão sexual precocemente, em que cada criança dirige sua atenção para o mesmo sexo. A mãe é apresentada de frente para o marido, está vestida discretamente com decote alto, brincos, cabelos bem penteados, olhos entreabertos, representando docilidade, características atribuídas às mulheres. Mas na sua fala constata-se erros gramaticais, o que mostra sua dificuldade para expressar-se corretamente.

Inferre-se que a mulher possui grau de instrução bem menor que o homem, o que era comum em séculos anteriores, pois a mulher não tinha acesso a escolas, institutos e universidades, sendo legado a ela apenas o direito de escrever seu próprio nome. Ela deveria ocupar-se das atividades domésticas, não sendo necessário alto grau de escolaridade. Mesmo o século XXI sendo semeador de tecnologias que exigem graus elevados de escolaridade, a mulher continua pontuando os maiores índices de analfabetismo e baixo grau de escolaridade. Do total de pessoas sem acesso a escola, cerca de 63,7 % são mulheres, conforme a UNESCO (Fórum Social Mundial de Educação, 2003). A partir dessa informação, tenta-se entender as causas das mulheres terem dificuldades de expressarem-se corretamente.

A falta de raciocínio lógico também é apresentada nesta charge, demonstrada pela falta de articulação ao contexto da fala do marido. Essa

ausência de raciocínio lógico não emerge no desempenho de atividades familiares, pois não há a exigência de tal habilidade. A ausência do raciocínio emerge na construção da família moderna, onde a principal função da mulher era gerar filhos.

A vinculação das mulheres às atividades domésticas está relacionada à fragilidade biológica, atribuída a elas, porque se tinha a idéia de que o sistema reprodutor feminino era particularmente sensível e acabaria sugando as energias da inteligência para seu funcionamento, tornando as mulheres com raciocínio deficitário (Rocha-Coutinho apud TONINI, 2002), portanto, inaptas à realização de atividades que exigissem raciocínio um pouco mais lógico.

A idéia de a mulher possuir grau de instrução menor que o do homem, está reproduzida na figura 13, onde pode-se observar um casal de empregados conversando.



Figura 13: Casal de empregados domésticos

Fonte: Correio do Povo – 18/09/2002

Coube ao homem a função de mordomo que se expressa fluentemente e corretamente. Já à mulher coube a função de faxineira, ela

se expressa falando com erros gramaticais. Sendo que provavelmente, a remuneração é inferior a do mordomo.

Apesar de ser funções semelhantes que ambos desempenham, o homem aparece com traje mais requintado, com roupas sociais e de sapatos, enquanto que a mulher usa chinelos, avental, lenço na cabeça e tem espanador nas mãos, enfatizando sua ligação direta aos afazeres domésticos.

A futilidade é uma característica também atribuída à mulher. Verifica-se isso porque a dona de casa é apresentada como uma mulher fútil, que adere a recursos grotescos para manter a aparência frente às outras pessoas, no caso ir para a geladeira para aparentar ter ido a Europa, onde faz temperaturas baixíssimas. Isso mostra a subestima à inteligência da mulher, inferindo que ela não possui a capacidade de raciocínio, não tendo a consciência de medir as conseqüências de suas ações, preocupando-se em realizar feitos ou adquirir coisas que não são importantes ou necessárias e que podem prejudicá-la, como no caso da charge, ir para a geladeira para sentir a sensação de resfriar.

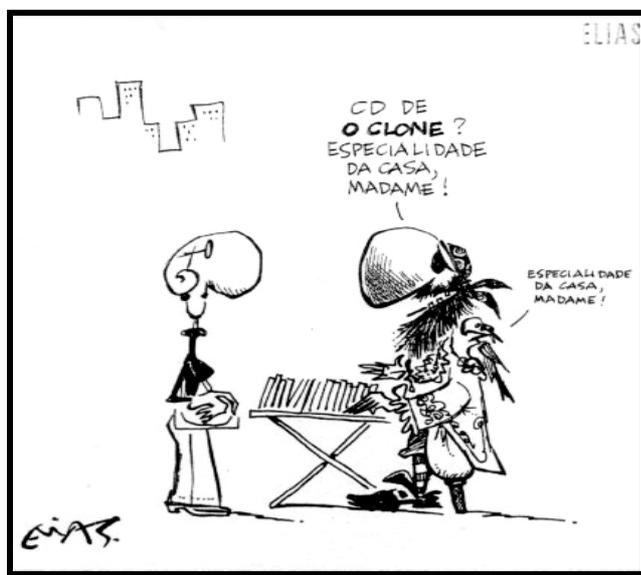


Figura 14a: Mulher no camelô.

Fonte: Diário de Santa Maria – 17/07/2002

Outra característica, a de consumista é atribuída a mulher, como aparece na figura 14a, onde a mulher aparece comprando um cd, na banca do vendedor de rua.

Assim, percebe-se que nas representações do gênero, a mulher é mostrada como incapaz de falar ou entender corretamente certos assuntos ou idéias que são sinais de continuidade da lógica que a constrói como diferente do homem, desde a constituição da família moderna.

Também isso se evidencia na figura 14b, onde duas mulheres exercem atividades de empregada doméstica, demonstrada pela fala de uma com a outra.

Ela está bem vestida, mas não é mostrada falando. E sim de boca fechada. Quem oferece e negocia é o homem. Ela aparece como receptora passiva da informação, da propaganda do produto.



Figura 14b: Mulheres em centro de revitalização

Fonte: A Razão – 11/08/2004

Na figura 14b, as mulheres são apresentadas em um centro de embelezamento, onde uma incentiva a outra a “dar uma mudada na cara, comprar roupas novas” etc. Enfatizando a estética feminina, a importância a aparência física. Mais uma vez é reforçada a idéia de futilidade.



Figura 15a: Mulheres na feira

Fonte: Zero Hora – 06/11/2002

As mulheres referidas estão usando aventais e uma delas um lenço na cabeça, sugerindo que o uso dessa peça está realcionado a prática freqüente de atividades domésticas ligadas à limpeza ou envolvimento no preparo de alimentos. Uma das mulheres fala com erros gramaticais e demonstra não ter entendimento correto do que sua “patroa” falara para ela fazer, no caso, ir à feira comprar alimentos frescos para complementar a atividade de preparo da comida, o que sugere ser uma atividade comum da empregada doméstica. Mas a empregada não entende isso e vai à Feira do Livro, onde enche o carrinho das verduras e frutas com livros. Mais uma vez fica evidenciada a idéia da mulher possuir déficit intelectual, mostrado pela dificuldade de falar corretamente e pela dificuldade de entendimento.



Figura 15b: Mulher no Arroio Cadena

Fonte: A Razão – 15/06/2004

Essa idéia segue sendo mostrada na figura 15b, onde as vizinhas conversam sobre questões do novo local de moradia. Uma delas insatisfeita, retorna ao antigo local de moradia e ao explicar o motivo fala a palavra “problema” com erro.



Figura 15c: Mulheres conversando

Fonte: Zero Hora – 13/08/2004

Já na figura 15c, as comadres conversam sobre o vício do homem que almeja ser atleta. O vício é o de tomar cachaça, só que ela fala catiassa.

A continuidade desse pensamento é encontrado na figura 16. Mais uma vez aparece a mulher representada com déficit de inteligência.



Figura 16: Mulher passando roupa

Fonte: Diário de Santa Maria – 23/04/2003

A mulher está apavorada com o incêndio provocado pelo ferro elétrico, que provavelmente tenha sido esquecido sobre a roupa que estava sendo passada, onde ela pede para mandarem o “Bombeiro de Ferro”, provavelmente ela esteja ligando para os bombeiros. Assim, ela entende que existe um bombeiro, o Bombeiro de Ferro, exclusivamente para apagar o incêndio do ferro elétrico.

Outro estereótipo freqüentemente apresentado e dito, é a mulher como conversadeira, que nem precisa ter sentido o que ela fala, mas o que ela faz é falar e falar, tumultuando os ambientes onde está com a conversa excessiva. Isso pode ser observado na figura 16.



Figura 17: Reunião Mirim

Fonte: Diário de Santa Maria – 21/05/2003

Está representada uma reunião em que o masculino e o feminino estão presentes. As meninas estão representadas de forma totalmente desligadas do que está sendo tratado na reunião. Assim, elas aparecem brincando e cantando, isto é, tumultuando o ambiente. Já os meninos estão representados surpresos com a algazarra das meninas e o

coordenador, um menino, critica a agitação feminina. Evidencia-se a estereotipização de que mulher é barulhenta, agitadora. Permitindo inferir que as mulheres têm dificuldade de concentração. Atributo necessário para desenvolver atividades profissionais que exigem este referente, como o de comando mostrado pela própria charge.

É comum também relacionar a mulher a crenças, religiosidade, etc. Pode-se observar isso nas figuras 18a e 18b.



Figura 18a: Mulher vidente

Fonte: Diário de Santa Maria – 30/05/2003

Observa-se a mulher ligada a crenças, onde as previsões do futuro é sua atividade. As crendices estão associadas a falta de instrução científica, isso está atribuído a mulher.

Na figura 18a a mulher está usando vestido rodado, lenço na cabeça, com uma bola de cristal à sua frente, falando coisas que diz ver e que irão acontecer, isso é prever. Está acontecendo em um ambiente organizado com detalhes esotéricos, como cortinas e há uma placa enfeitada com estrelas, identificando SARAH como vidente.

Infere-se que a mulher esteja fornecendo as visões para o homem que está do lado oposto da mesa. Este se apresenta bem vestido, socialmente e discretamente, os óculos atribuem-lhe intelectualidade.



Figura 18b: Mulher mãe-de-santo

Fonte: A Razão – 03/11/2004

Já na figura 18b a mulher aparece “dando passes”, um linguajar próprio da religião que tem como prática esses atos. Mais uma vez ela é mostrada como agente ativo das crenças e crendices populares.

Mais uma vez pode-se verificar a idéia de ligação da mulher com crendices, no caso da figura 19.



Figura 19: Mulher benzedeira

Fonte: Diário de Santa Maria – 17 e 18/08/2002

Nessa figura, atribui-se à mulher o adjetivo de benzedeira. Pode-se observar que a mulher está representada dando o diagnóstico de que o tipo de benzedura é indicado para o caso específico do cliente que está a sua frente, do outro lado da mesa, procurando respostas para sua dúvida.

A mulher está apresentada com vestimenta ridicularizada, se comparada aos padrões vigentes da estética atual na moda. Ela usa chinelo de lã, calça de abrigo por baixo de um vestido solto, que deixa aparecer a alça do soutien caída pelo braço. Ela possui pintas, que podem ser vistas como feridas ou espinhas. No queixo e no buço há a presença de pêlos, os cabelos despenteados, os óculos de modelo antigo para indicar que é mais idosa, mostra o quanto é ridicularizada a figura feminina frente a religiosidade e credices, pois a idéia de desleixo com a aparência aparece fortemente ligada à mulher nessa charge. E o interesse por essas questões religiosas é inferido parece que, exclusivamente às mulheres, dando a idéia de que questões sem muita importância para a sociedade capitalista atual são legadas ao feminino.

Já o homem, aparece bem vestido, terno, gravata e sapatos. Usa óculos, para aparentar certo grau de intelectualidade, pois pelo que se observa ele não é representado de óculos pelo mesmo motivo que a mulher é apresentada por esse objeto.

Assim lançam-se questões para serem refletidas, como: Por que os homens, na sua maioria, não são apresentados falando erroneamente, ou ridicularizados, tanto quanto as mulheres? Será que eles não erram, não tem dificuldade em expressarem-se ou entenderem certos assuntos? Por que são apresentados melhor vestidos que as mulheres?

## 6 A VEZ DAS MULHERES

Após muitas lutas, esforços, dedicação, enfrentar muitos conflitos, muito preconceito, aos poucos as mulheres estão conquistando espaço profissional na sociedade atual. Sabe-se que isso não tem sido fácil, sua ascensão profissional ainda está muito lenta, em relação as grandes mudanças que o mundo tem passado. Elas só são a maioria nas atividades conectadas ao espaço doméstico, como a de recursos humanos afirma a pesquisa realizada pela Catho (2004).

Na mídia, a mulher em posições de destaque ou sem estar relacionada a atividades do espaço doméstico é muito raro.

Embora a figura 20 mostre a mulher fora desse espaço, ela vem carregada de sinais que permitem conectá-la a ele.



Figura 20: Mulher na entrega do Oscar

Fonte: Diário de Santa Maria – 22 e 23/03/03

No evento de entrega de premiação, observa-se que a mulher fica em segundo plano, apenas como complemento, um objeto do cenário. Assim, está subjugada a uma autoridade masculina.

Ela está com vestido longo de amplo decote e com detalhes que chamam a atenção para seu seio, enfatizando a valorização do corpo da mulher, a sensualidade feminina. São estes referentes que chamam atenção para si. Ela não se pronuncia, apenas observa a anunciação que o colega faz.

O homem que irá entregar o prêmio está elegantemente vestido, de maneira discreta. Aparece na função principal, em primeiro plano, fazendo a chamada do premiado, que também é um homem e entregando o prêmio a este.

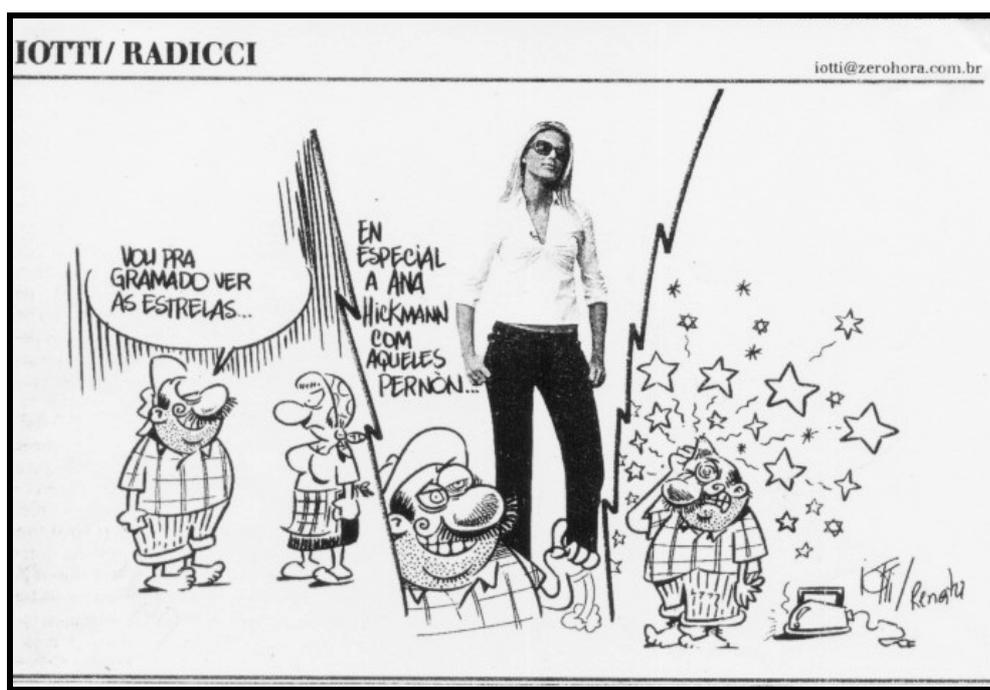


Figura 21: Mulher modelo.

Fonte: Zero Hora – 10/08/2004

A mulher sendo lembrada por seus atributos naturais, também é apresentada na figura 21. Nesta figura a mulher é lembrada em função de

suas bonitas e longas pernas, admiradas e desejadas pelo homem da figura, conforme percebe-se pela fisionomia deste, ao falar do nome da modelo.

Em outra charge a mulher é apresentada na mídia, em Telejornal, em quadros que não exigem grande habilidade de conversação e raciocínio, por exemplo, na apresentação de quadros como previsão do tempo não há necessidade de saber específico sobre as mudanças do tempo. Como aparece na figura 22, ela está também como uma espécie de garota-propaganda em que a fala é decorada e os gestos ensaiados. Ela é mostrada com vestimenta masculinizada, pois usa geralmente terninhos, imitando os trajes masculinos nos jornais.



Figura 22: Mulher no telejornal

Fonte: Diário de Santa Maria 03/03/03

A atuação do feminino em funções que tenham um pouco mais de prestígio no espaço público, muitas vezes é legada a locais que não são almeçados de se estar, como mostra a figura 23.



Figura 23: Mulher repórter

Fonte: Diário de Santa Maria - 25/04/03

A mulher está numa cadeia entrevistando um criminoso. A imagem endereça à idéia de que a mulher deve passar por situações desagradáveis para demonstrar ser possuidora de capacidade para desempenhar funções antes delegadas, quase, exclusivamente aos homens, no caso, chegar a ser repórter profissional de destaque. É senso comum nesta atividade profissional que a área criminal ocupa mais baixo nível hierárquico. Então nada mais natural que seja desempenhado por uma mulher.

Pode-se observar na figura 24 o direcionamento de reportagem para outros locais.



Figura 24: Mulher cientista  
Fonte: Diário de Santa Maria

Nessa charge, é o homem que foi incumbido de realizar reportagem em espaço mais valorizado, mais bem visto, no caso, um laboratório, onde o cientista e a cientista já não aparecem em espaços tão diferenciados como nas charges anteriores. A mulher aparece presente no mundo intelectual, participando de pesquisas que exigem maior grau de instrução. No entanto, o primeiro clone a ser realizado por este laboratório é masculino. Para o mundo ocidental o que vem em primeiro lugar sempre é a identidade de referência, a considerada verdadeira, normal, correta.

## 7 FECHANDO O JORNAL

As charges são produções que circulam nos diversos meios de comunicação, televisão, jornais, revistas e Internet, atingindo assim, cada vez mais um número maior de pessoas que tem acesso a esses meios.

Nas charges, analisei a questão de como a mão-de-obra feminina é vista, mostrada, construída neste tipo de linguagem.

Nos exemplos trazidos verifiquei a continuidade da idéia de dominação e subordinação entre o masculino e o feminino, da desigualdade entre eles, idéia constituída predominantemente em função das distinções biológicas existentes entre o homem e a mulher.

Já o espaço doméstico fica legado à responsabilidade feminina, onde a mulher pode atuar sem restrições nas funções designadas culturalmente a elas, relacionadas ao casamento e a maternidade.

A mulher no espaço público aparece freqüentemente em funções também relacionadas com o casamento e a maternidade, onde o zelo, o cuidado, a dedicação, a paciência são necessários o raciocínio; e o alto nível de instrução não são requisitos.

Sendo assim, as profissões predominantemente femininas são desvalorizadas na questão salarial, tendo essas condições como justificativa para dar continuidade a discriminação profissional.

A Geografia tem muito a contribuir na análise de gênero, em relação a mão-de-obra. Desconstruindo a idéia de que mulher e homem, por serem distintos física e biologicamente, devem ser tratados de maneira desigual em suas capacidades, pois a mulher pode desempenhar atividades tão bem quanto o homem.

Assim, a Geografia pode contribuir para o rompimento da corrente de idéias que percebam a mulher como diferente, considerada inferior ao homem.

As pessoas acreditam e acabam construindo suas concepções embasadas nesses significados, o que contribui para dificultar mudanças relativas a esses significados.

Para que isso não ocorra, é preciso mostrar como acontece a real construção do gênero, através dos recursos utilizados pela mídia, que acaba disseminando idéias deturpadas na valorização das relações sociais dentro e fora de casa, na escola, na rua, etc. enfim nos lugares onde convivemos. Com este pensamento, ocorre um redimensionamento do conceito de linguagem. A mídia passa a ter uma posição privilegiada na construção e circulação do significado. A charge não é apenas uma forma de humor, de transmitir neutralidade; ela expressa e constitui significados.

Desta forma, aquilo que estamos acostumados a considerar naturais – realidade – são também fenômenos discursivos. Seus significados também surgem a partir de jogos de linguagem e dos sistemas de classificação nos quais estão inseridos.

Assim percebe-se que mesmo as mulheres estejam representadas a maioria em empregos onde o uso de trabalho braças é mais freqüente que o uso de trabalho mental, a mulher vem dada vez mais se destacando em funções e cargos que exijam habilidade de raciocínio, cargos de chefia.

A mulher procura desempenhar simultaneamente as funções de mãe, esposa, dona-de-casa e profissional, nem que para isso trabalhe o dobro do que o homem realmente trabalha independente de classe social e apesar de as charges enfatizarem bastante que quem trabalha é as de classe baixa.

## 8 BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR, Durval. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; São Paulo: Cortez, 1999.

BEVILACQUA, Valdirene Maria. **Espaço Feminino - Produção de Significados Sobre as Mulheres nos Livros Didáticos de Geografia**. Santa Maria: UFSM, 2002. Trabalho de Graduação A. – Curso de Geografia, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, 2002.

CIRNE, Moacyr. A linguagem dos quadrinhos. *In*: **O Universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Souza**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

COLOMBARA, Monica. Espaço e Mulher. Uma Contribuição para a Geografia de Gênero. *In*: SANTOS, Milton et al (org). **O Novo Mapa do Mundo** - Problemas Geográficos de um Mundo Novo. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1995.

COSTA, Marisa Vorraber. Novos Olhares na Pesquisa em Educação. *In*: **Caminhos investigativos**. Porto Alegre: Medição, 1996.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Armadilhas da Sedução. **Os Romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FRAISSE, Geneviève; Perrot, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. vol. 4. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1995.

**JORNAL DO III FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO**. Porto Alegre, 2003.

KELLNER, Douglas. Lendo Imagens criticamente em Direção a uma Pedagogia Pós-moderna. In: SILVA, Thomas Tadeu da. **Alienígenas na Sala de Aula**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Uma Pedagogia do Século XX — O Cinema e a Produção de Identidades Culturais**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. (mimeografado)

MOYA, Álvaro de. Debates Comunicação. **História (dos quadrinhos) no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Editora Vozes, 1977.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. **Estudos Feministas**. Florianópolis. V. 8, nº 2, 2000.

PEDRO, J. M. & GROSSI, M. P. (Org). Masculino, Feminino, Plural Gênero na Interdisciplinaridade. In: RAGO, Margareth (org.). **Epistemologia Feminista, Gênero, História**. São Paulo: Editora Mulheres, 1998.

PIRES, Suyan Maria Ferreira. **Representações de Gênero em Ilustrações de Livros Didáticos**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em

Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Atica, 1987.

RODRIGUES, Mário Lúcio Bonotto. **Macanudo Taurino: O Humor Gráfico como Articulador da Identidade Cultural**. Porto Alegre: 2000. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

ROSSINI, Rosa Ester. Geografia e Gênero: Mulher, Família e Trabalho na Área de Ribeirão Preto/SP - 1987/1997. Disponível em: SABATH, Rute. Quando a Publicidade Ensina Sobre Gênero e Sexualidade. In: SILVA, Luíz Heron da. **Século XXI: Qual o Conhecimento? Qual o Currículo?** Petrópolis: Vozes, 1999.

SABATH, Rute. Quando a Publicidade Ensina sobre Gênero e Sexualidade. In: Silva, Luiz Heron da. **Século XXI: Qual o Conhecimento? Qual o Currículo?** Petrópolis: Vozes, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.20, n<sup>o</sup> 2, 1995.

\_\_\_\_\_. A Mulher Trabalhadora. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org). **História das Mulheres. O século XX**. v.5. Porto Afrontamento. São Paulo: Ebradil, 1997.

SILVEIRA, Márcia Castiglio da. **Produção de Significados Sobre Matemática nos Cartuns**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Dissertação

(Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

SRBEK, Wellington. **A Origem Histórica dos Quadrinhos (Hoje)**. Minas Gerais: UFMG, 2002. (mimeografado).

TONINI, Ivaine Maria. **Identidades Capturadas. Gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

ZIMMERMANN, Erich W. **Recursos Y Industrias del Mundo**. México, Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica, 1957.

## **9 JORNAIS CONSULTADOS**

A RAZÃO – Santa Maria/RS

CORREIO DO POVO – Porto Alegre/RS

DIÁRIO DE SANTA MARIA – Santa Maria/RS

FOLHA DE SÃO PAULO – São Paulo/SP

O SUL – Porto Alegre/RS

ZERO HORA – Porto Alegre/RS